

PARÁBOLAS EM QUESTÃO

Pascal Peuzé

Resumo

O autor procura demonstrar, com exemplos de algumas parábolas presentes nos evangelhos sinóticos, que elas não servem apenas como um simples relato extraído da vida cotidiana, cujo objetivo seria facilitar os ensinamentos de Jesus. Elas seriam interrogações propostas, causando estranheza, provocando o ouvinte-leitor a ir além do que ela narra. Ela não tanto explica quanto questiona; não é para ser compreendida, de pronto, mas para permanecer no íntimo, mexendo com as pessoas. É um apelo a ser interpretada.

Abstract

The author aims to demonstrate through some parables of the synoptic Gospels that they are not only a simple narration extracted from daily life, whose main purpose would be to further Jesus' teaching. They would be questions proposed to cause the listeners-readers to go beyond narrative. They are not supposed to explain but to challenge; they are not supposed to be readily understood but to keep moving the hearts of people. They are an appeal to be interpreted.

As parábolas, talvez mais ainda que outros textos dos Evangelhos, fazem parte dessas passagens tão conhecidas que não revelam mais nenhuma surpresa. A fim de renovar nossa leitura e nossa interpretação, é possível adotar uma abordagem diferente, um outro fio condutor que poderia nos abrir novos horizontes.

Estas páginas propõem tratar algumas parábolas dos três Evangelhos sinóticos¹, abordando-as sob o ângulo da questão, ou melhor, das questões. Num primeiro momento, veremos vários tipos de perguntas que aparecem nas parábolas e em torno delas. Em seguida, ampliaremos nossa reflexão ao nível da parábola como “questão”.

Questõe(s) no interno e em torno das parábolas

Uma pergunta aparece várias vezes para introduzir parábolas, especialmente aquelas ditas do “reino de Deus”: “Como assemelhar...?”²

1. Veja lista das parábolas em GOURGUES, Michel. *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus*. Das origens à atualidade. São Paulo: Loyola, 2004, p. 13-14.
2. Seguimos a tradução de Johan Konings em *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005 e a TEB.

Tomemos o exemplo de Mc 4,30 com a parábola do “grão de mostarda”: “como assemelhemos o reino de Deus ou em que parábola o poremos?” Uma fórmula similar, mais redundante com a repetição de *semelhante / assemelhar*, se encontra no paralelo de Lucas 13,18: “A que é semelhante o reino de Deus, e a que o assemelharei?” E o evangelista prossegue: “É semelhante a um grão de mostarda [...], é semelhante a fermento ...” (Lc 13,19a.21). Mateus utiliza o mesmo verbo: “A que, portanto, assemelharei essa geração? É igual a crianças sentadas numa praça...” (Mt 11,16, e o paralelo em Lc 7,31).

A parábola é, portanto, introduzida por uma fórmula consagrada pelo uso, uma pergunta que indica o objeto que será “parabolizado”: o reino de Deus, a geração, etc. Esse tipo de formulação interrogativa reveste-se de uma particular importância. Com efeito, trata-se de uma das fórmulas típicas utilizadas no mundo de estudos farisaicos e rabínicos para introduzir uma parábola. Na Mishná, essa coletânea de tradições rabínicas antigas, elaboradas durante o primeiro e o segundo século da era comum, encontramos o seguinte: “Conta-se uma parábola. A que isso é semelhante? A um servo que veio encher a taça do seu senhor, etc.”³

A expressão “a que isso é semelhante?” ou ainda “a que podemos assemelhar isso?” ocorre centenas de vezes na literatura rabínica. Ela tornou-se uma das modalidades de introdução das parábolas da mesma maneira que os evangelistas (ou o próprio Jesus) podem começar as suas. Essa primeira questão que encontramos aponta, então, para uma veia comum – pelo menos literária – entre os Evangelhos e a tradição farisaica e rabínica.

*

Outras questões se encontram tanto nas parábolas quanto em outros gêneros narrativos dos Evangelhos. Vejamos a parábola do joio no meio do trigo (Mt 13,27-30). Em poucos versículos, temos três perguntas dos servos ao dono do campo, quando aparece o joio:

- Senhor, não foi boa semente que semeaste no teu campo?
- Onde vem, então, que haja nele joio?
- [Foi um inimigo que fez isso.]
- Então, queres que nós vamos tirá-lo?

Essas simples perguntas são evidentemente elementos da composição literária da parábola que permitem o seu desenvolvimento. Mas elas introduzem, sobretudo, um *aspecto dialógico* interessante entre os servos e o dono. A parábola recebe assim um toque dinâmico graças a esse diálogo, ao jogo de perguntas e respostas. Esse processo dialógico dá-se em vários níveis:

- na parábola, remontando possivelmente ao Jesus histórico,
- na parábola como composição do evangelista,
- na parábola transmitida às comunidades, de ontem e de hoje.

3. Mishná Suka 2,9.

Esse aspecto dialogal, baseado nas perguntas, favorece uma atualização do ensino. Elas podem e devem ser respondidas principalmente no e pelo hoje dos ouvintes. A interrogação torna o ouvinte participante e, até mesmo, ator da parábola. A pergunta não é um simples meio retórico, que faz com que o texto pareça mais “vivo”; ela demanda uma tomada de posição.

A esse respeito, a introdução a certas parábolas é muito explícita, endereçando-se de maneira direta aos ouvintes. A parábola da ovelha perdida e reencontrada começa assim: “Que *vos* parece?” (Mt 18,12), e “que homem *dentre vós* tendo cem ovelhas...” (Lc 15,4). Encontramos essa mesma interpelação na parábola dos dois filhos que o pai manda trabalhar na sua vinha (Mt 21,28-32): “Que *vos* parece?” Essa introdução à parábola é reforçada por outra pergunta direta: “Qual dos dois fez a vontade do pai?” (v. 31a). Temos ainda: “Pois *quem dentre vós*, querendo construir uma torre, não calcula primeiro...” (Lc 14,28), ou: “*quem de vós* que tenha um servo...?” (Lc 17,7). Essa formulação deve ser valorizada, especialmente quando a parábola é transmitida oralmente. A pergunta torna-se, então, interpelação direta e pessoal. Por isso, a parábola, longe de ser uma historinha agradável e simples para que todo mundo entenda; antes de tudo, é exigência endereçada a cada um em particular.

Outro meio de interpelação, mais forte ainda, é constituído por fórmulas interrogativas negativas. Na parábola do juiz iníquo e da viúva que o importunava até obter justiça (Lc 18,1-8), a formulação é a seguinte: “Deus, porém, *não fará* justiça aos seus eleitos, que dia e noite bradam por ele, e os fará esperar?” (v. 7). O uso da negação torna a pergunta mais pungente, exigindo uma adesão maior do ouvinte⁴.

À diferença de uma narração linear, as perguntas criam e abrem um espaço, em primeiro lugar na própria parábola, mas, sobretudo, no diálogo entre Jesus/os evangelistas e os seus ouvintes. Esses são convidados a refletir, a se colocar em movimento, levados pela dinâmica das perguntas que os interpelam.

*

Existe outro tipo de pergunta, aquele que precede a tão conhecida parábola do “bom samaritano” (Lc 10,25-37): “E eis que um legista se levantou e, querendo pôr à prova Jesus, perguntou: Mestre, fazendo o que herdarei a vida eterna?” (v. 25). Enfoca-se comumente a tentativa de “armadilha” do intérprete da Torá. Porém, se essa questão é colocada no contexto (*Sitz im Leben*) do mundo farisaico e rabínico da época, o fato de querer testar as posições de um mestre (especialmente se forem diferentes das suas próprias), nada há de extraordinário. Ao contrário, a questão não é concebida estritamente como uma armadilha. Ela é parte integrante do debate e do estudo para interpretar a Torá. As questões e o questionamento incessante fazem com que essa seja viva.

4. Outros exemplos de formulação interrogativas negativas dentro das parábolas: O devedor implacável (Mt 18,23-35): “*Não devias* tu também comiserar-te de teu companheiro, como também eu me comiserei de ti (v.33)? Os trabalhadores da vinha (Mt 20,1-15): “*Não fizeste* acordo comigo por um denário” (v. 13), “*Não me é permitido* fazer o que quero no que é meu” (v. 15)? A dracma perdida (Lc 15,8-10): “[A mulher] *não pega* uma lâmpada” (v. 8)?

Lucas nos indica que estamos, justamente, no domínio da busca da Torá como palavra de Deus, concatenando nessa períclope perguntas e respostas. À primeira questão do escriba, Jesus responde com outra: “O que está escrito na Torá?” Jesus pede para o escriba citar a Escritura. Mas não somente. Ele lhe pede também para interpretá-la, ou ainda, retomando a terminologia que nos serve de fio condutor, para questioná-la, e, possivelmente, encontrar um elemento de resposta. Com efeito, Jesus pergunta: “Como lê?”⁵ Isto é: “Como entendes?” O escriba o faz com brilho, pois ele interpreta ligando dois versículos, um de Dt 6,5 e outro de Lv 19,18, formando, por assim dizer, um só versículo, um só ensinamento: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com toda a tua mente e teu próximo como a ti mesmo” (v. 27). A pequena e insignificante conjunção “e”, que liga os dois versículos, é uma resposta ao “como lê?” perguntado por Jesus. O escriba afirma que o amor a Deus e o amor ao próximo só podem ser *um* e *um único* amor: Amarás o Senhor e o teu próximo. O questionamento interpretativo renovou a Torá, tornou-a mais viva para o hoje do escriba, para o hoje de Jesus e de seus discípulos, para o hoje do leitor. O debate iniciado provoca outra pergunta: “Quem é o meu próximo?” – pergunta-elo para a parábola propriamente dita.

As questões constituem tanto um ponto de partida que suscita e introduz as parábolas, como pontos de vai e vem no interior das narrativas. Porém, as questões vistas até aqui não são específicas das parábolas. Podem ser encontradas em todas as narrativas dos Evangelhos. Abordaremos agora o que constitui um aspecto mais peculiar: a parábola enquanto questão e questionamento.

A parábola como questão

A parábola torna-se questão porque ela levanta questões, e levanta até problemas. Isso contrariamente aos hábitos de leitura que “aplainam” as parábolas e as tornam evidentes. Uma das possíveis pistas que fazem emergir as questões é deixar-se interrogar pelo insólito, a estranheza, e mesmo a extravagância, elementos que fazem com que a parábola não seja um simples relato tirado da vida quotidiana, cujo objetivo seria facilitar os ensinamentos de Jesus. Segundo as palavras de Paul Ricoeur: “Escutar as parábolas de Jesus, parece-me, é deixar a imaginação aberta às novas possibilidades apresentadas pela extravagância desses curtos dramas”⁶.

Tomemos como exemplo a parábola das dez virgens (Mt 25,1-13). Compreende-se e ensina-se, sobretudo, que é necessário manter a lâmpada acesa, e que se deve vigiar, pois não se sabe nem o dia, nem a hora (cf. v. 13). Mas antes de chegar a essa conclusão, convém interrogar-se sobre o relato em si. Com efeito, a trama narrativa levanta questões! O noivo chega muito atrasado, durante a noite: por quê? As cinco ditas *prudentes* sucumbem como as outras ao sono. Nem mesmo elas conseguiram *vigiar*,

5. “Como lê?” = como interpretas, e não: “O que é que lê?” (tradução da Bíblia do Peregrino) que seria uma mera repetição da pergunta anterior.

6. RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006, p. 232. Sobre a “extravagância das parábolas, veja ainda p. 198-203.

como exige o versículo 13⁷... E se o noivo as encontrasse adormecidas? As cinco *prudentes* o são de tal forma que se recusam, absolutamente, a partilhar o seu óleo. Seria isso a caridade evangélica? E de que vale seu conselho de ir comprar óleo no meio da noite? Aliás, não seria possível que uma só fosse comprá-lo para as outras? Por que todas as cinco *imprudentes* deveriam sair para comprar, cada uma, a sua parte? Por fim, embora o requisito da lâmpada fosse cumprido – mesmo com atraso – devemos constatar que isso de nada adiantou... Por quê?

Uma parábola do Talmud da Babilônia nos ajuda a compreender aquela do Evangelho. Essa tradição que se encontra no Tratado Shabat à folha 153a é reportada por Rabi Yohanan ben Zakai.

Parábola de um rei que convidou seus servos a um banquete, mas sem lhes fixar o tempo. Aqueles dentre eles que eram sensatos enfeitaram-se e sentaram-se à porta da casa do rei, dizendo: por acaso falta alguma coisa na casa do rei? Aqueles outros que eram insensatos foram a seus trabalhos, dizendo: por acaso pode haver um banquete sem preparação? De repente, o rei chamou seus servos. Os sensatos apresentaram-se diante dele enfeitados, como estavam, e os insensatos, tal como estavam, sujos! O rei alegrou-se vendo os sensatos e encolerizou-se vendo os insensatos. Ele disse: aqueles que estão enfeitados para o banquete, que se assentem, comam e bebam. Aqueles que não estão enfeitados para o banquete, que se mantenham de pé e olhem! (Talmud da Babilônia, Tratado Shabat, 153a).

Deveríamos fazer uma análise minuciosa dessa parábola a fim de desvelar toda a sua riqueza. Porém, nos contentaremos em apontar os principais elementos de convergência com a parábola do Evangelho. Nos dois casos, temos a participação em um banquete organizado, seja pelo rei, seja pelo noivo. São mencionados dois grupos. Um é qualificado de *sensato / prudente*, o outro de *insensato / imprudente*. Os sensatos participarão do banquete e os outros não, quer permanecendo fora da sala, quer permanecendo excluídos do banquete, mesmo ficando na sala.

O ponto crucial da parábola talmúdica, à primeira vista fora do comum e até extravagante, é que o banquete é anunciado, porém sem que sejam fixados nem data nem hora. Esse ponto crucial provoca uma *interrogação* nos dois grupos de servidores: quando acontecerá o banquete? E cada um responde. Os primeiros afirmam que ele pode acontecer a qualquer momento. Com efeito, nada falta na casa do rei. É melhor então manter-se pronto, bem-vestido e enfeitado. Os outros afirmam, ao contrário, que o banquete exige trabalho e que eles perceberão os preparativos. Vendo isso, eles terão tempo suficiente de vestir-se bem, enfeitar-se e estar lá para entrar na sala e participar do banquete. Essa postura é errônea: eles entrarão de certo na sala, porém, estando sujos, só poderão assistir ao banquete, sem degustá-lo⁸.

7. Muitos exegetas consideram o versículo 13 como acréscimo do evangelista Mateus à parábola original.

8. Encontra-se o mesmo elemento das vestes adequadas na parábola dos convidados às bodas, em Mt 22, 11-12: “Companheiro, como entraste aqui sem o traje para as bodas?”

O banquete da parábola talmúdica não tem hora marcada; tampouco a chegada do noivo! Esse chega quando bem lhe aprouver, mesmo no meio da noite... Na passagem do Talmud, o segundo grupo se interrogou sobre a hora do banquete, e podemos supor que também o segundo grupo das jovens do Evangelho tenha se perguntado a respeito do momento da chegada do noivo. Parece-nos então que as duas parábolas têm o seguinte ponto em comum: o grupo dos *insensatos* tenta controlar – por assim dizer – a ação futura, tanto do rei quanto do noivo. Como? Uns afirmam que os preparativos são suficientes para os alertar. Eles pensam dominar assim a cronologia e a situação. Quanto às cinco virgens *imprudentes*, o fato delas não terem reserva de óleo significaria que também elas pensavam controlar a cronologia dos acontecimentos: o noivo *deve* chegar no tempo que elas estimam: o óleo deve ser suficiente⁹.

Se essa interpretação é correta, ela mostra uma sutil inversão de toda a situação inicial. Não são mais cinco jovens que vão ao encontro do noivo, mas cinco jovens que decidem quando o noivo virá ao seu encontro, na hora marcada por elas. Forçando um pouco, pode-se dizer que elas não estão mais a serviço do noivo, mas que este deve se curvar às suas decisões. Essa inversão explicaria por que o noivo não podia nem devia reconhecer aquelas que deveriam, supostamente, acolhê-lo: elas permaneceram fora do banquete. Isso explicaria igualmente por que as outras jovens não queriam partilhar seu óleo: a postura das *imprudentes* era basicamente errônea e mesmo pervertida... Uma mudança radical de atitude só pode ser individual.

Segundo a interpretação exposta aqui, essa parábola comporta uma interrogação fundamental sobre a relação desenvolvida, individual ou comunitariamente, com o noivo Jesus. Como em toda relação humana, não seria necessário antes de tudo aceitar não (com)preender aquele ao encontro do qual se pretende caminhar? Interrogar-se e vigiar...

Caminhos abertos

Vimos no decorrer dessas linhas que a composição literária das parábolas inclui perguntas de vários tipos: perguntas introdutórias: “como assemelhar?” Perguntas feitas aos e pelos personagens da história contada. Perguntas endereçadas aos próprios ouvintes: “que vos parece?” Perguntas em torno da interpretação da Torá: “como lê?”

Além dessas perguntas, vimos que a própria parábola pode ser considerada como uma grande pergunta, um convite, ou mesmo uma exortação ao questionamento. A parábola aponta para um “além” da simples história, da simples compreensão. Ela não vem ilustrar, mas sim questionar; ela não vem explicar, mas sim provocar. Sem questionamento, não há busca, não há interpretação. Buscas e interpretações, incessantes, renovadas, questionadas são o caminho para que a Palavra seja aberta e transmita a Vida.

“Por que lhes fala em parábolas?” perguntam os discípulos (Mt 13,10b).

Por que...

9. Sigo aqui WEDER, Hans. *Die Gleichnisse Jesu als Metaphern*. (As parábolas de Jesus como metáforas). Göttingen: Van den Hoeck & Ruprecht, 1978, p. 239-249.

Bibliografia

GOURGUES, Michel, *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus*. Das origens à atualidade. Traduzido por Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo: Loyola, 2004.

KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*. São Paulo: Loyola, 2005.

PEUZÉ, Pascal Jean André Roger. *A parábola-metáfora na literatura rabinica. O mashal à luz dos trabalhos de Paul Ricoeur e Jonáh Fraenkel*. Dissertação de Mestrado. USP, 2010. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-09052011-160715/pt-br.php.

RICOEUR, Paul. Biblical Hermeneutics. In: *Semeia Studies* n. 4. Atlanta (Ga.): Society of Biblical Literature, 1975, p. 27-148. Paul Ricoeur e a hermenêutica bíblica. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006, p. 133-223.

SCHOTTROFF, Luise. *As parábolas de Jesus*. Uma nova hermenêutica. Traduzido por Nélvio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SHISHA Sidrei Mishna (comentados por Hanokh ALBECK). Jerusalém: Dvir, 1988.

TALMUD Bavli. Adin Steinsaltz (ed.). Jerusalém: HaMakhon haIsraeli lePirsumim talmudiim, 1966-2009.

TALMUD da Babilônia. Ed. de Vilna, 1835.

THE MISHNAH, Translated from the Hebrew with Introduction and Brief Explanatory Notes by Herbert DANBY. 8. ed. Oxford: Oxford University Press, 1964.

WEDER, Hans. *Die Gleichnisse Jesu als Metaphern*. (As parábolas de Jesus como metáforas). Göttingen: Van den Hoeck & Ruprecht, 1978.

Pascal Peuzé
e-mail: pascalpeuze@gmail.com